



O TEMPO POÉTICO NOS TRABALHOS DE CORA CORALINA

Walace Rodrigues¹

Téssia Gomes Carneiro²

Valéria da Silva Medeiros³

Resumo: Este escrito busca analisar os poemas “Não sei” e “Ainda não” através das tensões entre presente e futuro. Tais poemas são de autoria de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Betras, mais conhecida como Cora Coralina. Esse artigo tem um caráter analítico/qualitativo e se baseia em uma bibliografia nas áreas da literatura e da educação. Nos valeremos, também, de algumas passagens de Boaventura de Sousa Santos ao propor um mundo melhor a partir do agora. Os resultados desse trabalho mostram que os dois poemas analisados colocam-se como orientações de vida aos leitores, de uma senhora muito experiente, sobre o tempo de plantar, cuidar, colher e festejar na vida.

Palavras-chave: Poemas de Cora Coralina; Tempo; Presente; Futuro.

136

POETIC TIME IN THE WORKS BY CORA CORALINA

Abstract: This paper seeks to analyse the poems "I do not know" and "Not yet" through the tensions between present and future. These poems were written by Anna Lins dos Guimarães Peixoto Betras, better known as Cora Coralina. This essay has an analytical/qualitative nature and is based on a bibliography in the areas of literature and education. We will also use some passages from Boaventura de Sousa Santos in proposing a better world from now on. The results of this paper show that the two poems analysed here are life orientations for readers, from a very experienced lady, about the time of planting, caring, reaping and celebrating in life.

¹ Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Pós-graduado (*lato sensu*) em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá - SP. Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Pedagogia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire) e da Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL). Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins - GESTO, da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

² Mestre em Prestação Jurisdicional e Direitos Humanos pela UFT. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da UFT. Defensora Pública no Estado do Tocantins, atuante no município de Araguaína.

³ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora adjunta da Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente da Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL).



Keywords: Poems by Cora Coralina; Time; Present; Future.

Introdução

Este artigo tem caráter qualitativo/analítico e baseia-se numa pesquisa bibliográfica sobre a obra da poetisa da goiana Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bens, mais conhecida como Cora Coralina. Nascida na Cidade de Goiás aos 20 de agosto de 1889, ela teve uma vida simples e deixou-nos sábias palavras para faz refletir sobre o tempo e o cuidar.

Nesse viés, traçaremos um paralelo entre os poemas “Não sei” e “Ainda não” para, em seguida, aproximarmos questões de sentido relacionadas ao tempo, como por exemplo, o tempo para o idoso e o tempo para a criança, demonstrando a forma acolhedora expressa por Anna Lins. Para tanto, contextualizaremos os poemas citados com o inconformismo de Boaventura de Sousa Santos ao propor um mundo melhor a partir do presente.

137

Traremos, assim, um olhar sobre a vivência do presente – *carpe diem* – e uma tentativa de reinvenção desse, buscando ampliar seu sentido. Essas indicações mostram que um futuro melhor pode estar não tão distante, mas requer esperança e força.

Meditações entre tempos nos poemas “Não sei” e “Ainda não”

Em primeiro lugar, gostaríamos de apresentar a autora de tais poemas: Cora Coralina iniciou suas publicações tardiamente, eis que contava com quase 76 (setenta e seis) anos de idade quando da publicação da obra “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”, em junho de 1965. Doceira profissional, não seguia qualquer modismo literário e escrevia sobre o cotidiano da cidade onde nasceu, cujo contexto histórico e ruas apertadas e ladrilhadas com pedras influenciaram sua obra.

De vida simples e dura, viveu longos anos longe dos grandes centros, sua casa situava-se às margens do Rio Vermelho, que muito a inspirou. Seus versos relacionavam-se principalmente à sua cidade natal e à sua vida árida, os quais serviram para apresentar a



simplicidade e o tempo presente, isto é, o momento vivido no agora enquanto objeto de apreciação e cuidado.

Poetisa bem-aceita pela crítica, foi lembrada inclusive pelo poeta Carlos Drummond de Andrade. Em 27/12/1980, no Jornal do Brasil, momento em que o país despertava para sua obra. Drummond escreveu: “Cora Coralina para mim é a pessoa mais importante de Goiás. Mais que o governador, as excelências, os homens ricos e influentes do Estado...Cora Coralina, um admirável brasileiro” (*apud* CORALINA, 1987).

A autora recebeu pouca educação escolar e preocupava-se com a mensagem transmitida, com seu conteúdo. Ela não era apegada a regras gramaticais, em virtude de seu rico trabalho foi diplomada em 1983 com o título de *Doutora Honoris Causa* pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

A poetisa faleceu de pneumonia na capital Goiânia em 1985, vindo sua residência tornar-se um museu, preservando, assim, sua memória. Sobre a sua conhecida “casa velha da ponte”, ela ainda vive de poesia através do Festival de Poesia de Goyaz, como podemos ver na passagem a seguir:

[...] a Casa de Cora Coralina, onde se realizaram alguns eventos durante o festival. A poetisa, que nasceu em 1889 e faleceu em 1985, começou a escrever aos 14 anos. Passou boa parte de sua vida fora de Goiás, só publicando seu primeiro livro aos 75 anos de idade, depois de retornar à cidade para viver na “casa velha da ponte” – uma das mais antigas da cidade, construída em 1782. A residência, transformada em museu, hoje abriga móveis e objetos da escritora. Foi ali que redigiu seu famoso convite aos poetas para que viessem cantar os encantos de sua Goiás. (FESTIVAL DE POESIA DE GOYAZ, 2007, p. 71)

Trazemos, em segundo lugar, os poemas “Não sei” e “Ainda não”, na íntegra, para que o leitor possa compreender o caminho que desejamos trilhar. Depois, passando à comparação dos mesmos, cremos que é preciso considerar a vida simples da poetisa para sua compreensão.



Não sei

**Não sei se a vida é curta ou longa para nós,
mas sei que nada do que vivemos tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas.**

**Muitas vezes basta ser: colo que acolhe,
braço que envolve, palavra que conforta,
silêncio que respeita, alegria que contagia,
lágrima que corre, olhar que acaricia,
desejo que sacia, amor que promove.**

**E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela não seja nem curta,
nem longa demais, mas que seja intensa,
verdadeira, pura enquanto durar.**

**Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina.**

Ainda não

I

Ainda não...

É a espera.

Afirmção



**do tempo que vai chegar
no tempo que está passando.**

II

**Ainda não...
É a promessa.
Certeza
do tempo de querer
no tempo que vai chegando.
A mulher é a terra —
terra de semear.**

III

**Ainda não...
O tempo disse dormindo:
Por que esperar?
Plantar, colher
no amanhecer.
Não retardar o instante
maravilhoso da colheita.**

IV

**Veio o sementeiro,
semearam juntos
e colheram
o encantamento do fruto.**



**Lamentaram juntos
Retardamos tanto... no tempo.**

Estes dois poemas apontam para uma reflexão sobre a vida e o tempo. Em “Não sei” a poetisa descreve seu ponto de vista sobre o que seria viver e parte da dúvida acerca da duração da vida (se curta ou longa) e explica que seu sentido só poderá ser alcançado se tocarmos o coração das pessoas. Este sim seria o verdadeiro sentido para o existir.

**Não sei se a vida é curta ou longa para nós,
mas sei que nada do que vivemos tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas.**

A construção da cultura de cuidar passa, portanto, por atos singelos como dar colo, abraçar, confortar, silenciar, respeitar, acariciar, saciar, aconchegar. Além de tais aspectos, convém registrar o amor como promotor de todos esses sentimentos. Vejamos:

141

**Muitas vezes basta ser: colo que acolhe,
braço que envolve, palavra que conforta,
silêncio que respeita, alegria que contagia,
lágrima que corre, olhar que acaricia,
desejo que sacia, amor que promove.**

Nesta estrofe, observamos que o amor é promovido pelo acolhimento, isto é, pelo cuidado com o outro, cuja tonalidade corresponde a um engajamento quase que materno. Notamos que a poeta descreve formas de respeito, de alegria, de sofrimento, de miradas e de desejos.

Boaventura de Sousa Santos nos diz que “a característica mais fundamental da concepção ocidental de racionalidade é o facto de, por um lado, contrair o presente e, por outro, expandir o futuro.” (2003, p. 239). Essas tensões entre presente e futuro nos levam a



reinvenção do presente como bem apontou Cora Coralina. No entanto, a reinvenção do presente de que se apodera Coralina é uma reinvenção através do aconchego. É acreditar no futuro a partir do respeito com o outro no presente.

“A contracção do presente, ocasionada por uma peculiar concepção da totalidade, transformou o presente num instante fugidio, entrincheirado entre o passado e o futuro.” (SANTOS, 2003, p. 239). Se a visão ocidental linear de tempo reduziu o presente a um mero instante, Cora Coralina o expande para o futuro, tentando buscar uma vida “intensa, verdadeira, pura enquanto durar.” A dilatação do presente e a contração do futuro como propõe Santos coaduna-se a ideia de cuidado construída por Cora Coralina.

A leitura que propomos aqui consiste, assim, em reconhecer a intensidade do presente numa perspectiva do momento vivido, onde a carinho em relação ao outro coloca-se como caminho de presente e de futuro. Nesse sentido, a vida torna-se um eterno ensinar e aprender a amar, a acolher, a confortar.

142

**Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina.**

Mas e o tempo do idoso? E o tempo da criança? Tais noções psicológicas de tempo, apesar de distintas, também são consideradas pela poetisa no poema “Ainda não”, posto que para o jovem a perspectiva é a do “tempo que vai chegar”, enquanto para os mais velhos a ansiedade reside “no tempo que está passando”.

**Ainda não...
É a espera.
Afirmação
do tempo que vai chegar
no tempo que está passando.**

Ainda, podemos dizer que o poema “Ainda não”, através de seus elementos estéticos,



nos faz recordar o conceito de Ainda-Não (*Noch Nicht*) trazido por Santos. Ele assim o define: “o modo como o futuro se inscreve no presente e o dilata” (SANTOS, 2003, p. 255). O Ainda-Não descrito por Boaventura como “capacidade” e “possibilidade”. Tal momento é também enunciado pela poetisa como tempo de “promessa”, do “semear”. Vejamos:

**Ainda não...
É a promessa.
Certeza
do tempo de querer
no tempo que vai chegando.
A mulher é a terra —
terra de semear.**

143

Tal pensamento de Cora Coralina traz em si a esperança de uma colheita farta, garantida por um semear sábio e na hora certa. Nesse tempo que não para de passar (o “tempo que vai chegando”) a mulher se coloca como figura central, mãe da fertilidade, senhora das possibilidades, mulher das esperanças.

Ainda, Cora Coralina nos questiona: “Por que esperar?”. Isso também condiz com a passagem de Santos em que ele nos diz: “Em cada momento, há um horizonte limitado de possibilidades e por isso é importante não desperdiçar a oportunidade única de uma transformação específica que o presente oferece: *carpe diem.*” (SANTOS, 2003, p. 255). Nesse mesmo sentido Coralina nos adverte para semearmos o bem e esperarmos o melhor.

**Ainda não...
O tempo disse dormindo:
Por que esperar?
Plantar, colher
no amanhecer.**



**Não retardar o instante
maravilhoso da colheita.**

Ao não retardarmos “o instante maravilhoso da colheita”, Coralina nos convida às alegrias da vida. Assim, ampliamos o presente aproveitando cada instante de nossas vidas e o compreendemos enquanto possibilidade para um futuro melhor, com boa colheita.

A professora Maria Luíza Saboia Saddi nos diz que “a poesia seria uma estratégia para impedir a fixação dos significados, para fazê-los deslocarem-se dos seus conceitos para ampliar os sentidos e mostrar novas possibilidades de pensamento e de vida.” (SADDI, 2011, p. 4011). Assim, Cora Coralina nos instiga a viver de forma consciente, porém aproveitando as emoções de cada instante. Além disso, ensinando e aprendendo. No entanto, ela não nos fixa sentidos, mas abre portas de esperança em relação ao futuro e ao presente.

Podemos notar que as impressões que podemos extrair dos poemas de Cora Coralina são verdadeiras lições para a vida. Como uma senhora sábia e de idade, ela nos alerta, de maneira poética, sobre o cuidado para com o presente e o futuro. Síntese disso vê-se na estrofe.

**Veio o semeador,
semearam juntos
e colheram
o encantamento do fruto.
Lamentaram juntos
Retardamos tanto... no tempo.**

A estrofe anterior mostra justamente o desconforto em se retardar o tempo, isto é, de não prestigiar a riqueza do presente, referindo-se à lamentação pelo tempo mal vivido. Coralina, através da metáfora da colheita com a vida, nos ensina que cada fruto tem seu encantamento, mas que necessitamos semear, esperar, regar e colher antes de saborear os



frutos.

Ou seja, tudo na vida demanda trabalho e dedicação. Nesse sentido, o presente se entrelaça com o futuro, pois um depende do outro. Não há futuro maravilhoso sem o levantar-se ao amanhecer para cuidar de sua plantação.

Assim, cada dia pode ser “o instante maravilhoso da colheita”, desde que nos coloquemos hoje a semear para amanhã. Essa relação presente versus futuro se coloca, portanto, como uma relação de dependência e de extremo labor.

As breves meditações que trouxemos entre dos poemas “Não sei” e “Ainda não” primam pelo agora, pelo presente, mas sem deixar de lado a esperança no futuro. Nesse sentido, a vida não será “nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar.”

145

Considerações finais

Este texto buscou compreender a reinvenção do presente enquanto forma de alcançarmos um futuro não tão longínquo. A utilização dos poemas “Não sei” e “Ainda não” nos leva a pensar sobre como Cora Coralina, com o uso da complexidade poética da simplicidade, nos deixa perceber a relação íntima entre presente e futuro. Utilizando as metáforas do aconchego e da colheita, ela nos faz perceber os mecanismos existenciais envolvidos no viver.

Acreditamos, como nos diz Antonio Candido, que sua simplicidade na composição dos poemas nos revelam significações importantes sobre seu trabalho, revelando os mecanismos de força em sua obra:

[...] a beleza de um poema se localiza na camada aparente, a dos elementos estéticos, onde se enunciam os significados ostensivos, e que basta para uma leitura satisfatória, embora incompleta. Mas a força real está na camada oculta, que revela o significado final e constitui a razão dos outros. (CANDIDO, 2008, p. 53)



A doceira de vida simples e que se autodefinia como mais doméstica do que intelectual, mais cozinheira do que escritora, utilizava-se de sua sensibilidade e experiência de vida para nos informar que não retardemos as coisas que se nos apresentam no presente. Ela também nos ensina a acolher o outro e a semear com afinco para o dia de amanhã. Não podemos desperdiçar tempo em lamentos, mas devemos semear e colher juntos frutos cheios de encantamentos.

Finalizando, podemos dizer que nossa leitura analítica/qualitativa desses dois poemas de Cora Coralina são leituras pessoais e que buscaram nos poemas as chaves para compreender as formas dessa poetisa de conceber o passado, o presente e o futuro. Ao final, pensamos que ela nos aconselha a como viver com mais felicidade no presente e esperança no futuro.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**. Caderno de análise literária. 8a ed. 10a imp. São Paulo: Editora Ática, 2008.

FESTIVAL DE POESIA DE GOYAZ: Cidade de Goiás - GO. – Brasília, DF: IPHAN. Programa Monumenta, 2007. Disponível em: <
http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Festival_de_Poesias.pdf >, acessado em 22/05/2018.

RODRIGUES, Wallace. Verbivocovisualidades: a poesia concreta do grupo Noigandres e as monotipias de Mira Schendel. IN: **Palíndromo**. Teoria e História da Arte, UDESC, n. 6, pág. 159-181, 2011.

SADDI, Maria Luiza Saboia. Os desenhos no céu: sonho e poesia. IN: **Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP)**. 2011. Rio de Janeiro, pág. 4000 a 4012. Disponível em: <
http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/maria_luiza_saboia_saddi.pdf >, acessado em 14/06/2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, out., 2003. pág. 237-280. Disponível



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

em

http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/71_Sociologia%20das%20ausencias_RCCS63.pdf < >, acessado em 22/05/2018.